

Artes Plásticas



Área de lazer — pintura
no Parque Lage, o prédio da
Escola ao fundo



Bina Fonyat / fotografia da série
Carnaval, Rio / 1972-76

ESPERA E ESPERANÇA DE ÁREA ABERTA

Roberto Pontual

O complexo que inclui o prédio da Escola de Artes Visuais e os generosos jardins do Parque Lage, no Rio, serve de exemplo típico de espaço ainda não aproveitado em todas as suas potencialidades. Sempre que se entra e se anda por ali a impressão final é de improvisação e precariedade, especialmente em termos de instalações. Talvez ambas as características não terminem sendo por completo negativas, já que atenuam as pompas da prática educacional e permitem manter relaxada a atmosfera de onde hoje se reúnem sobretudo jovens, alunos ou professores. Na verdade, desde que o Instituto de Belas-Artes, antigo ocupan-

te do mesmo local, passou a chamar-se Escola de Artes Visuais e que a Rubens Gerchman, um artista na casa dos 30, se entregou a tarefa de dirigi-la, de outubro de 1975 para cá, o que mais se tem procurado concretizar ali é a superação do ranço acadêmico no ensino da arte. Um projeto de permanente abertura, atualização, descompromisso com as regras e os vernizes do passado. Despoluído e despoluidor. Por isto, necessariamente informal.

Não há dúvida que em diversos aspectos o projeto alcançou êxito. A EAV, embora só dê diploma no curso de História da Arte — o único oficialmente reconhecido — atrai cada vez mais gente interessada em

aprender e criar. Dividida em nove áreas (de apoio, de desenho arquitetônico, cênica, de cinema, duas dimensões, três dimensões, de lazer, gráfica e teórica), seu arsenal docente abriga hoje muitos nomes significativos no trabalho com linguagens novas. Ali estão orientando turmas, por exemplo, Avatar Moraes, Lygia Pape, Gastão Manoel Henrique, Marcos Flaksman, Fernando Duarte, Sérgio Santeiro, Cláudio Kuperman, Maria Carmem Albernaz e o próprio Gerchman. Para contornar o ecletismo e reduzir os entrecosmos da velha e nova guardas, tratou-se de proporcionar a mais ampla interligação entre as várias áreas e oficinas: o aluno

transita livremente por todas elas, faz o seu currículo, deixa de ter obrigações demasiadamente rígidas. Tudo isto a um custo mínimo, quase simbólico: para frequentar a Escola, quando não obtém gratuidade, ninguém paga mais que Cr\$ 150 mensais. O que explica os mil e quinhentos inscritos que ela abriga atualmente, no *full time* de seus três turnos de funcionamento.

■ ■ ■

No entanto, os benefícios conquistados como escola livre, disposta a superar barreiras passadistas e elitistas, não conseguiram conferir ainda à EAV a presença que potencialmente lhe caberia no ambiente carioca. Isto é, mesmo que se tenha renovado em espírito e método, não encontrou até aqui o melhor caminho para o aproveitamento integral de seu espaço e gente, nem pode delinear e assumir uma mística altamente estimuladora do circuito. Não se culpe a sua localização: o Parque Lage é um dos últimos privilégios de oásis com que hoje conta esta cidade; e o velho casarão de arquitetura duvidosa, misto de *palazzo* e *villa*, onde há muitos anos atrás viveu a figura legendária da cantora lírica Gabriella Bensezoni Lage, não seria empecilho definitivo a usos vanguardistas. Não se culpe também, inteiramente, a sua direção: os propósitos renovadores a que ela se entregou eram indispensáveis e estão, na essência, corretos. A culpa maior recai, mais uma vez, na penúria de recursos com que vai apenas sobrevivendo a Escola.

Um local como o que ela ocupa e a disposição que hoje a alma deveriam merecer atenções especiais do Estado — afinal de contas, trata-se de uma entidade oficial, administrativa subordinada ao Governo carioca. Basta um primeiro contato com a precariedade e o abandono de suas instalações para perceber como o que está faltando ali é, sobretudo, uma vasta injeção de recursos financeiros. O prédio pede reformas urgentes, nas oficinas e salas de aula, no auditório, na galeria improvisada, no pátio interno, na cantina, nas áreas de administração, etc. Não sei se já se tem elaborado um plano em detalhes neste sentido, mas, enquanto algumas melhorias prioritárias não forem postas em prática, o relaxamento auspicioso do ambiente parecerá sempre desleixo. E nenhum programa de atividade ganhará definição, coerência, persistência e alcance. Pode-se prosseguir com tudo muito informalmente. Mas está na hora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage descobrir o ponto exato de equilíbrio entre improvisações e sistematizações. Digamos, organizar a sua margem de liberdade num rumo preciso. Perder a timidez, passar a agir menos para dentro de seu âmbito caseiro e mais para o encontro efetivo com as carências culturais e artísticas da comunidade. Assumir, por exemplo, decididamente, as expectativas experimentais — agora que o espaço alternativo do MAM não encontrou ainda saída para o trauma do incêndio.

Vontade parece que há. Além de um programa significativo de pequenas exposições a preencher sua galeria até o fim do ano, a EAV começa a tratar

mais concentradamente um projeto de *área aberta*, cujo início se dará de fato apenas em dezembro. No caso das exposições — executando a de *avontantes* (pipas) de Rosa Magalhães e Lúcia Lacerda, em setembro, e a de xilogravuras de Manoel Messias, em novembro — demonstra-se o interesse sempre maior da Escola em incrementar o trabalho com as técnicas e a linguagem da fotografia: estarão se apresentando ali os fotógrafos Gil Eanes (neste fim de mês), Otto Stupakoff (outubro), Miguel Rio Branco (outubro) e Bina Fonyat (novembro). A sequência prossegue nos três primeiros meses de 1979, com trabalhos novos de Mário Cravo Neto e a IV Exposição Mundial de Fotografia, itinerante patrocinada pela UNICEF e abordando então, em mais de 500 fotos, o tema Crianças deste Mundo. Ao mesmo tempo, entende-se de terça-feira próxima até meados de dezembro o curso Visão e Expressão Fotográfica, a cargo da norte-americana Constance Brenner. O setor de fotografia conta ainda com a orientação de Alair O. Gomes, Roberto Maia (na área gráfica) e Fernando Duarte (na área de cinema).

Em relação àquela que se estará chamando de Área Aberta, o que há em desenvolvimento é o trabalho Ritos de Passagem, orientado por Gastão Manoel Henrique e com a participação efetiva dos artistas Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti. Pensado para vir a público no fim deste ano, o projeto já encontrou disposição de financiamento por parte da Funarte — assim também um segundo projeto, que a ele se seguirá, sob a supervisão de Cláudio Kuperman, da Oficina de Materiais Sintéticos. Para Gerchman, é fundamental referir que a futura Área Aberta da EAV não pretende entrar em competição com a Área Experimental do MAM, nem tampouco substituí-la, caso esta não volte logo a atuar plenamente. A idéia é a de não se prender a um espaço único, nem a restringir-se a ambientes fechados, recintos de feição mais ou menos museológica. Qualquer local pode ser escolhido por quem queira apresentar projetos — no âmbito do próprio prédio da escola (suas salas, pátios, terraços ou jardins) ou em outros lugares e instalações da cidade (ruas, garagens, fábricas, etc.). Para isso, a escola está tratando de obter toda uma escala diversificada de adesões.

■ ■ ■

Bons propósitos, até planos e projetos, existem, como se vê. Importante e urgente, agora, é que primeiro se dote a Escola de Artes Visuais de uma infraestrutura verdadeiramente condigna, capaz de corresponder à generosidade de seu espaço e à abertura de seu espírito. Que se gaste o que for preciso para apará-la (dispensam-se tanto os recursos oficiais em coisas de segundo e terceiro escalões, ou absolutamente inúteis). Mas que se cuide também de estabelecer uma forma orgânica, madura, incisiva, de atuação dentro e fora de suas fronteiras. A Escola tem um papel maior a cumprir — informal, sim, mas igualmente funcional. Já.